

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***FERNANDO LAENDER***  
*(Depoimento)*

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Fernando Laender (F)

Entrevistadores – Anna Beatriz de Sá Almeida (A) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Data – 07/01/2002

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 59min

Transcrição – Rosa M J Dutra

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior, Roberta Vianna Delamarque e Eduardo Cosenza de Faria

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

LAENDER, Fernando. *Fernando Laender*. Entrevista de história oral concedida ao projeto *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*. 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024, 21p.

## **Fita 1 - Lado A**

**A** - Projeto a História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil. Entrevista com Fernando Laender, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel. Dia sete de janeiro de 2002. Fita número 1. (INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO). Então, Fernando a gente vai começar, queria conversar um pouquinho com você sobre a tua formação, qual foi a sua opção e como é que foi isso, se isso tem a ver com a sua adolescência? Com toda a sua família, para você falar um pouquinho para a gente disso.

**L** - Seu nome é Fernando Laender ou tem algum outro sobrenome? É só Fernando Laender?

**F** - Não é só, eu teria o sobrenome de minha mãe, mas eu não assino o sobrenome de minha mãe. Minha mãe é Prates, mas eu só assino Fernando Laender, simplificou bastante...

**L** - Você nasceu quando?

**F** - Eu sou mineiro... nasci em 46, em Teófilo Otoni, é uma cidade no nordeste de Minas, no caminho para a Bahia.

**L** - Por incrível que pareça eu conheço Teófilo Otoni. (risos)

**F** - É, pois é.

**L** - Teófilo Otoni, não é? Que o pessoal fala. (risos)

**F** - Eu saí de Teófilo Otoni, como todo mundo sai (risos) no geral ainda garoto para a capital para estudar, eu fui para Belô, me formei em medicina em Belo Horizonte, em 72.

**L** - Estudou na UFMG?

**F** - NA UFMG, é Universidade Federal.

**A** - E a decisão, a opção de você fazer medicina? Já estava muito clara para você? Tinha alguma influência?

**F** - Não, eu acho que não, nessa idade a gente não tem nada muito claro não, eu acho. Terminei meu curso com 25 anos, entrei com 19, bem garoto, não é? Naquela época então, era mais garoto do que o garoto de hoje, de 19 anos, não é? Não sabia nada, via os amigos

fazendo, os amigos de meus pais, enfim esse tipo de influência e acabei também fazendo medicina, não é? Estudei em Belô como eu já falei, naquela época há 30 anos, eu me formei há 30 anos. E enfim era...

**L** - Em sete dois?

**F** - É 72, é e aí como todo, aí vim para o Rio, eu queria, deixei as montanhas de Minas.

**L** - Depois de formado?

**F** - Eu me formei, no dia seguinte praticamente eu vim para o Rio. Para... eu queria estar junto ao mar, eu vim ao Rio quando estudante de medicina, vinha muito ao rio, tinha grandes amigos no Rio e vinha a passeio, agora eu quero estudar no Rio. E vim para o Rio e fui fazer residência no Pedro Ernesto. Estudando, fazendo Clínica Médica, Pediatria, um pouco de cada coisa, Tropical, Doenças Infecciosas, fazia Clínica, fazia Pediatria, um pouquinho de cada, rodava em várias áreas durante um período de três anos. E aí também nessa época nós fizemos Residência em Medicina Social. Estava começando o curso de Residência de Medicina Social, também na época era com o professor Nelson de Moraes, e depois o Ézio também começou, abriu essa perspectiva para uma série de gente.

**A** - Esse curso de Medicina Social que o senhor fazia já era o que seria o Instituto de Medicina Social?

**F** - Já era...É! Hoje é o Instituto de Medicina Social da UERJ.

**L** - É, IMS!

**A** - E naquele momento ainda não era ele?

**F** - Não, já era... já era o Instituto de Medicina Social. E o diretor na época era o professor Nelson de Moraes. Foi em 73... tem quase 30 anos, também(risos). Era um grupo genial que havia ali, todo mundo...

**L** - Você fez as duas residências paralelas?

**F** - Era, tinha, tinha créditos em clínica, e créditos em epidemiologia e... outras disciplinas da Medicina Social, não é? Então você ficava circulava entre o hospital, fazendo Ambulatório, Enfermaria e também... no espaço físico da Medicina Social, estudando aí, Ciências Sociais, Antropologia, Epidemiologia, um pouquinho de cada coisa.

**A** - E essa área já era uma área que te... interessava?

**F** - Interessava sim, era! Essa área de Saúde Pública interessava.

**A** - Você teve chance de ver isso durante a graduação?

**F** - Tive, tive, claro. Mas era muito frágil, eu achava que era... a disciplina de Medicina Preventiva assim chamada, era mesmo... tinha muita gente boa, mas... acho que não se valorizava muito na graduação, essa é minha impressão. Pelo menos na minha escola, eu falo da minha escola, isso deve ter variações entre os lugares, não é? No Rio, São Paulo, Porto Alegre, em Recife. Eu acho que era interessante, mas tinha pouca presença, pouca capacidade de persuasão, de convencer, de convencimento e de... trazer para a área de medicina preventiva, mais estudantes, isso, em Belô, foi depois, foi aumentando, melhorando.

**L** - Na tua vivência não era...

**F** - Hoje é uma área muito mais forte. 20 anos depois se fortaleceu *paca!* Mas na minha época, era meio ainda, também estava todo mundo se formando.

**L** - Construindo-se campos, não é?

**F** - Mas era muito, muito interessante.

**A** - E essa sua vivência aqui no instituto de Medicina Social, fez você ter mais contato com a sua área?

**F** - Claro! E aí também em 74, 75, eu já estava na FIOCRUZ, mais ou menos concomitante à UERJ. Nós fomos para a FIOCRUZ, já trabalhava no, no Centro de Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública.

**A** - E como é que foi a sua ida para a FIOCRUZ? Trabalhar na FIOCRUZ?

**F** - Sempre naquela época era... havia uma oferta de trabalho fantástica, 30 anos, era muito... os caras te ofereciam trabalho, não é? E às vezes você achava que não dá para trabalhar em tantos lugares, porque você não tem tempo, não é? Mas havia uma oferta muito grande, e na FIOCRUZ nós tínhamos um grande amigo Eduardo Costa, que era também professor na UERJ, no Instituto de Medicina Social, e a gente ficou muito amigo na prática, ali trabalhando junto e tal... e pintou uma oportunidade no Centro de Saúde da ENSP, não é? E... para fazer ambulatório, atendendo a população, fazia consulta externa. Então nós fomos, era um grupo de gente... gente mais ou menos da minha idade na época.

**L** - Da mesma geração.

**F** - A mesma geração. Havia um grupo de mineiros, gaúchos, cariocas, gente do Brasil inteiro. E foi ótimo! E aí depois... eu acabei ficando na FIOCRUZ, há 30 anos, quase! 28 anos, ou mais, nós estamos em... É! 28 anos de FIOCRUZ. Um tempão! Mas começamos ali, no ambulatório, trabalhando diariamente e tal. Depois aí, as coisas foram tomando mais úteis, e mais... acabamos... indo para o Departamento de Epidemiologia da ENSP, na época. Mas ainda na ENSP, no departamento, a gente tinha atividades de docência, atividades também de pesquisa, e tinha uma atividade também de atenção à população. A gente fazia clínica na época. Pelo menos, três manhãs, ou duas manhãs e uma tarde. Continuava fazendo ambulatório. E foi muito bom sabe para... Eu acho que essa vivência com a comunidade, a vivência mais próxima e diária e permanente. Eu acho que é importante na formação do profissional de saúde, e eu acho que foi muito bom. Para nós foi muito bom! E aí havia também dentro do Centro de Saúde, um posto de vacinação, uma atividade de vacinação, que existe até hoje, e é importante, não é? Essa vacinação lá no centro, Germano Sinval Faria, não é? Unidade de Treinamento Germano Sinval Faria. (risos) E... bom e aí também com a vacinação na época, mais ou menos dessa maneira que a gente começou aqui trabalhando, que era... E havia uma cooperação muito grande entre UERJ e FIOCRUZ, muito forte, todo mundo trabalhava junto, juntos uns... se dava aula nas duas instituições, enfim era... uma... um momento muito de..., como é hoje também, intercâmbio.

**L** - Muita troca. Muito intercâmbio.

**F** – Muito. Permanente, todo mundo circulava, entre todas as instituições, apoiando e fazendo crescer as duas instituições, era muito... foi muito positivo isso.

**A** – Sem dúvida nenhuma. E mais uma coisa, a sua vivência com as doenças imunopreveníveis, não é?

**F** - Pois é! Começa aí.

**A** - Por mais que a gente não queira (risos), a gente tem que focar... em cima do tema da gente que é o tema da Pólio, mas focando para essa questão das doenças imunopreveníveis: como é que foi a sua... quer dizer, começou com essa questão: é vacinação? É posto de saúde? É você nessa área da saúde pública da epidemiologia? Mas conta um pouquinho para a gente a vivência...

**F** - Não. Isso começou assim nessa... aí vacinando crianças. Havia nessa época muito... havia epidemia de tudo, de Sarampo, de Pólio, nessa época havia muita Pólio no Brasil ainda, muito Sarampo, muita Coqueluche, havia... Tuberculose, esses problemas, que alguns já deixaram de existir, outros estão mais ou menos controlados, outros... Mas a magnitude do problema diminuiu muito. Mas em 79, 80 eu já estava na FIOCRUZ, e entre

73, 74, e 80. 79 e 80, nós já estávamos na... trabalhando também com doenças infecciosas e doenças imunopreveníveis. E em 79, 80, eu fui à *Washington*, acompanhado de Arlindo que vocês também conhecem lá na Superintendência, fomos à *Washington* à convite da OPAS, da OMS para um encontro sobre controle de doenças imunopreveníveis. Era um encontro regional, toda a América Latina estava lá, Canadá, Estados Unidos, algumas ilhas do Caribe inglês, enfim uma grande reunião, para conhecer o material de formação de pessoal nessa área de controle de doenças! E aí eu fui, foi ótimo, conheci uma grande turma lá, e a partir dessa época, eu me vinculei 100% com o controle de doenças, controláveis imunopreveníveis ou preveníveis por vacina e etc. Aí nunca mais a gente se afastou disso.

**A** - E esse convite dele para você ir com ele?

**F** - Esse foi um convite da OPAS.

**A** - O convite da OPAS para vocês irem, e a tua indicação para ir: era pela tua vivência no Departamento de Epidemiologia, por ser uma pessoa...?

**F** – Era! Eu tinha interesse nisso, e pintou um convite, e me... me chamaram e eu fui, fiquei assim bem à vontade bem... (risos)

**L** - De maneira quase despretensiosa.

**F** – É! O maior desprendimento com aquilo, entende? Já trabalhávamos também com o assunto, mais ou menos a gente conhecia a situação no Brasil, não é? Porque era uma reunião, não só para conhecer, mas implicava em trocar...

**L** - Trocar informações.

**F** - Claro, entre os países da região, e tal. E como a gente trabalhava na área, mais ou menos, a gente tinha alguma informação, não é? E, bom! E aí foi assim: conhecemos Ciro, que chefiava o programa e continua hoje dirigindo o programa e que falou com vocês também, não é? Então na verdade, era um grande grupo de amigos, entende? Amigos, e todo mundo trabalhando junto nisso. E aí...

**A** - E o retorno de vocês? De *Washington* implicou em que?

**F** - Aí voltamos, e começamos no Brasil a organizar uma grande... grande formação, um movimento de formação de pessoal nessa área, entende? Junto com o Ministério da Saúde, e nessa época era... acho que era o Risi que estava – que também já deu uma entrevista a vocês – dirigia a Secretaria Nacional de Ações Básicas.

**L - SNABS... De Ações Básicas de Saúde.**

**F -** E o Programa de Controle de Doenças Imunopreveníveis era dirigido por ele, com uma equipe. Então aí todo mundo se juntou e organizamos o primeiro grande trabalho de formação de pessoal no país, nas Secretarias Estaduais e Municipais. E fizemos um grande... primeira atividade foi essa. Quer dizer, as pessoas já sabiam, mas esse foi um movimento de importante de sistematização do conhecimento, esse material que a OPAS desenvolveu, que depois os países fizeram pequenos ajustes, adaptaram a situação de cada país. O Brasil também fez isso. E se usou esse material... entre... esse material que foi preparado entre o Ministério e o grupo de imunopreveníveis, na, FIOCRUZ, para se formar o pessoal no país todo. E aí foi um grande trabalho, genial, de formação, de estudos, investigações que se... que se faziam, e até que em 86 começa o... para entrar na Pólio aí... (risos), 86 se lança e assume um compromisso, como vocês sabem, continental, de erradicar a Pólio, não é? Quer dizer, entre 80 e 86, o Brasil já havia feito um grande avanço no sentido de controle da Pólio...

**L - Controle.**

**F -** ... com essas Campanhas Nacional de Vacinação, o Brasil é meio que pioneiro nesse negócio, não é? Ajudou a mais ou menos, a... marcar caminhos, em termos, nas Américas, com... do ponto de vista de estratégias de controle de imuno, de doenças imunopreveníveis, e em particularmente da Pólio. Não é? Então em... mais ou menos assim, entre 80 e 86, o Brasil trabalha... vacinando, investigando, reforçando todo um sistema de vigilância clinológica de Pólio, e mais ou menos o que acontecia no Brasil, acontecia nos outros países da região, e chegou um momento determinado que os países e a OPAS juntos decidiram estabelecer a meta de erradicação da Pólio. Era factível tecnicamente havia... e politicamente também, ou seja: “Então vamos...?” “Já se havia erradicado a Varíola, claro! Se aprendeu muito com a erradicação da Varíola, que permitiu pensar na erradicação da Pólio, como hoje se pensa na erradicação do Sarampo, não é? Então, quer dizer, a experiência acumulada dava... dava recursos...

**L - Suporte.**

**F -** Recursos, suportes, subsídios para se pensar...

**L -** Para se tentar uma outra coisa. Na sua opinião, Fernando, por que você acha que a Pólio, nesse momento, foi à doença escolhida? Por que...?

**F -** Em 86?

**L -** É. E não outra? O que você acha? Qual é a sua opinião assim, sobre isso? Por que ela se tornou esse problema de Saúde Pública, que precisamos erradicar?



**F** – A Pólio era séria, não é? O Brasil tinha uma reunião...

**A** – Pensando até 80, não é? Por que decidir fazer campanhas nacionais de vacinação, por que foi a Pólio e não foi Sarampo, por exemplo?

**F** - Quer dizer, a Pólio tinha... o Sarampo... a Pólio tinha, mais ou menos no Brasil, 3000 casos por ano. 2000 a 3000 casos por ano conhecidos. Na verdade, devia haver muito mais. Era... o sistema de vigilância... a capacidade do sistema de conhecer casos não era tão desenvolvido quanto é hoje. Mas naquela época se registrava 2000, 3000 casos de Pólio. Bom, é uma doença que se não mata, deixa sequelas para o resto da vida, não é? É uma doença é... relativamente, quer dizer, com uma tremenda vacina, de alta eficácia, baratíssima, de fácil administração, enfim tudo isso se fez, quer dizer, isso tudo, essa lista de aspectos, ou de características da doença e de... e de... de atividades de controle, eu acho que isso pesou na... na escolha da Pólio como a doença, depois da Varíola, a ser erradicada, na região e no mundo. Então eu acho que tudo isso, mais ou menos, eu acho que ajudou a pensar.

E em 86, quando se toma essa decisão, o número de casos de Pólio no Brasil havia sido, de maneira espetacular, já reduzido. E esse mesmo movimento, como eu dizia, aconteceu nos outros países. Então, o número de casos de Pólio, na época, em 85, seis, estava próximo de zero, entende? Então isso... quer dizer... isso... eu acho que...

**L** – Propiciou, não é?

**F** - Os países juntos tomaram essa decisão: “Vamos erradicar a Pólio!” E de fato se demonstrou a factibilidade. Se há interesse político dos países com recursos e tecnicamente é viável, porque não fazer? E assim se fez com a Varíola, se fez com a Pólio na região, está se conseguindo isso no mundo, e certamente vai se fazer com Sarampo. Sarampo é mais difícil, não é? Mais difícil o Sarampo, a transmissibilidade da doença, é uma doença muito mais contagiosa, muito mais de transmissão mais fácil, a Pólio é mais tranquilo para se controlar. E...

**A** - A tua vivência nesse processo da erradicação: você estando na escola, estando nesse grupo do PAI, estando envolvido com essa questão da erradicação, como é que você viveu isso na prática assim? Era nos cursos? Era na relação com o Ministério? Eram as duas coisas? Conta um pouquinho para a gente desse...

**F** - Era tudo isso! Era de um grupo maravilhoso, no Ministério, na FIOCRUZ e nos estados e municípios do país, se trabalhava muito bem, eu acho, muito bem articulado em todos esses níveis, entende? Se trabalhava muito integrado. Eu, eu, eu... trabalhei com esse grupo todo, mas ao mesmo tempo eu saí do Brasil em 81, e voltei ao Brasil em 86. E de 81 a 85 mais ou menos, 86, eu vivi, fui trabalhar com a OMS em *Washington*, entende? Então, eu estava, na verdade, sediado em *Washington*, eu trabalhei de 81 a 83 e

depois de 84 a 86. Então o meu contato com o Brasil, que era frequente, eu não estava sediado no Brasil nessa época.

**A** - Então, por exemplo, assim as primeiras campanhas nacionais você não viveu elas aqui?

**F** - Eu vivi as campanhas do Brasil, vindo de *Washington* para o Brasil, entendeu? A minha casa não era mais o Brasil, entendeu? Quer dizer, eu estava licenciado da FIOCRUZ, para trabalhar com a OMS, depois desse curso que eu te falei em 81, em 80 *pintou* um convite da OMS, se eu não queria ajudá-los nesse movimento na região das Américas, aí eu fui. Arrumei a minha malinha e fui (risos). Foi quando eu tinha dois filhos pequenos, eu, Cida e dois meninos pequenos, duas crianças pequenas e fomos, entende? Então nós trabalhamos de 81 a 86 na região das Américas, não só no Brasil.

**A** - Com isso você também vinha ao Brasil.

**F** - Claro!

**A** - Por exemplo, em momentos de campanha você participava?

**F** - Claro, quando eu ia ao Peru, a Colômbia, ou a Argentina, ou a Guatemala, ou ao México, eu também vinha ao Brasil. O Brasil fazia parte do nosso campo de trabalho, entende?

**A** - Como é que você via essas primeiras campanhas? Como é que você viu essas primeiras campanhas?

**F** - Ah, foram geniais as campanhas nas Américas! Não só no Brasil, mas na região das Américas foi um espetáculo. Maravilhosas, as Américas, como eu te falei, eu acho que estou sendo meio redundante (risos) com essa turma que já falou, mas os países conseguiram se organizaram muito bem, um apoio fantástico, entende? Era uma... os países... era um dia de festa no país, no Brasil e no resto dos países das Américas. Se vacinava quase que 100% das crianças que se deveria vacinar, trabalhar... se vacinava, em geral, crianças menor de cinco, no Brasil continua vacinando menor de cinco, menor de cinco anos. E era assim, vacinava 95% dessas crianças, em um Dia Nacional. Claro! Isso era, se vacinava talvez em uma semana, na Amazônia demorava mais tempo, pela extensão da Amazônia, e tal. Mas o que se fazia no Brasil, mais ou menos se fazia no resto dos outros países da região. E eram resultados assim espetaculares, entende? O que... o que permitiu também, não só a vacinação, altas coberturas de vacinação, com apoio e com essa organização, nível de organização fantástica, com recursos, e movimento de voluntariado também muito grande, não é? A sociedade civil apoiando. Tudo isso...

**L** - Participando também.

**F** – Claro! Esse sucesso, acho que se deveu a tudo isso junto, não é? ...Enfim, uma vacina de administração muito fácil, barata, não é? Então vacinando bem e depois ... fortalecendo todo um sistema de vigilância de caso de doença, qualquer caso suspeito qualquer paralisia flácida se deve investigar muito bem, e fazendo parte da investigação, tomar as medidas de controle, tudo isso, não é? Então acho que as Américas, de novo, marcaram, foi a primeira região no mundo, a erradicar a Pólio, e acho que contribuiu muito para o resto do mundo, transferiu esse conhecimento, essa tecnologia e tal para o resto do mundo.

**A** - Eu acabei te cortando, você não tinha falado de Dias Nacionais, eu queria puxar um pouco isso, e quando você colocou essa questão que você estava na OMS em *Washington*, e aí em 86 que é esse momento que você está conversando com a gente também da erradicação, você está voltando...

**F** - Eu volto para o Brasil.

**A** - Aí você volta assim (inaudível), envolvido com a Pólio?

**F** - Lógico, volto para... sempre, sempre, nós estamos trabalhando com isso há 30 anos, praticamente. (risos) Não. Aí em 86 eu voltei para o Brasil e voltei para a FIOCRUZ, me reincorporei a FIOCRUZ, não é? Eu tinha... saído licenciado. Aí volto reassumo tudo, tal. E me integro naturalmente, na verdade eu nunca tinha saído, entendeu? Apesar de não estar, como eu disse, sediado no Brasil, eu nunca deixei de trabalhar no Brasil. Então, quer dizer, todo o grupo que gerenciava na época e que... esse trabalho, esse movimento de erradicação, era todo mundo gente conhecida minha, todos os meus amigos, entende, colegas de trabalho. Então, eu naturalmente, entro de novo, entende? E só que agora eu fazia *full time*, eu já voltei e me reintegrei completamente naquilo. Eventualmente saía também, porque a FIOCRUZ tem uma, nós todos sabemos tem uma tradição de assessoria técnica, através da OMS, aos países da região e eventualmente a África também, especialmente África de língua portuguesa, e tal. Então nós sempre, convidados também pela OMS, sempre saíamos para apoiar outros países na erradicação da Pólio.

**L** - Em que países da África você andou?

**F** - Eu trabalhei especialmente em Angola. Em uma época de guerra, barra pesada. Muito difícil! (risos). E aqui nas Américas também, porque nessa época América Central vive em guerra, barra pesada também. El Salvador, Guatemala, Nicarágua, enfim era... era dose também, não é? Mas... a vacina era um momento de trégua, o governo e a guerrilha nesses países, me lembro fazia uma trégua para vacinar todas as crianças, era um dia de paz! Aí você vacinava todo mundo, no dia seguinte, deviam começar a guerrear de novo, mas se o momento... (risos)

**L** - Ah! Que vacina poderosa! Mensageiro da paz.

**F** - Chegávamos com a vacina e todo mundo parava a guerra. Terminava a... começávamos a vacinar. Terminava a vacinação aí, devia começar a guerra de novo.

**L** - Provavelmente.

**F** - Podiam ficar vacinando todos os dias para ficar em paz eternamente. (risos) A vacina é um instrumento de paz, claro!

**A** - Fala para a gente assim, um pouquinho desse dia a dia, você com esse grupo de Brasília, quer dizer, na verdade você, o departamento, não é? Você, no grupo PAI, com esse grupo de Brasília. Como que era isso, eram as reuniões? A relação de vocês com o pessoal do laboratório? Conta um pouquinho para a gente.

**F** - O pessoal do laboratório era importantíssimo! Esse pessoal, e também o Laboratório Nacional, é o laboratório da FIOCRUZ, que era... que prestava, fazia diagnóstico não só para o Brasil, mas para outros países da região, também atendia outros países da região. E tem um papel extremamente importante nisso tudo, de formação de pessoal, não é? E o nosso trabalho com o Ministério e com as Secretarias, a gente estava sempre no campo. A malinha estava sempre pronta! Então a gente estava sempre com os Estados e com os municípios via Ministério da Saúde, fazendo reuniões, investigando casos, vacinando, tomando mostras para diagnósticos, enfim se fazia um pouco de cada coisa. O tempo todo. Formando gente no campo, ou seja, o nosso trabalho, nós que eu digo, nós... profissionais da Fundação Oswaldo Cruz apoiava o país na gerência desse trabalho de erradicação da Pólio via Ministério da Saúde. Então com... a Coordenação Nacional do Programa Nacional de Imunizações, e nós junto com eles nós apoiávamos as Secretarias estaduais e municipais de Saúde na erradicação da Pólio em relação a ir fazendo um pouco de cada coisa, não é? Vacinando, investigando casos, fazendo diagnósticos, tomando mostra, enfim.

### **Fita 1 - Lado B**

**A** - ...daí quer dizer pegar essa vivência com esses diferentes locais, nesse país tão vasto. Que áreas que você mostra para a gente, assim com mais dificuldade, que casos que você tem para contar para a gente de coisas difíceis, de... ou então de facilidades que você foi encontrando, não é? Sejam resistências políticas de profissionais, ou seja, apoio, quer dizer, conta um pouquinho para a gente.

**F** - Parece brincadeira, mas sabe que não havia dificuldade, não havia grandes problemas não, entende? Claro, quer dizer, as regiões do Brasil são diferentes. Às vezes você tem, as logísticas são diferentes, você trabalhar na Amazônia por exemplo, ou no Centro Oeste

do Brasil. Trabalhar no Sul ou no Sudeste é menos difícil, é mais tranquilo. Os acesso aos lugares são... é mais fácil. Então, quer dizer isso não só isso se aplica não só a Pólio, não só as imunopreveníveis, mas são características que se aplica de maneira geral ao enfrentamento dos problemas nessas regiões, não é? Então, quer dizer, eu acho que, mais ou menos isso. Agora quanto ao pessoal e etc., eu acho que não havia dificuldades, entende? Era todo mundo muito comprometido com isso. Eu acho que esse movimento continua no país, ou seja, é uma responsabilidade, todo mundo muito comprometido, e ao mesmo tempo, trabalhando de forma muito leve, ou seja, com muito, com muito (inaudível) com muito humor nisso tudo, entende? Extremamente tudo muito sério, brincando, trabalhando, mas ao mesmo tempo com extrema...

**L** – Profissionalismo, não é?

**F** - É, e gostando muito, achando maravilhoso tudo isso, entende? Se divertindo com tudo isso, no sentido de prazer os resultados que estão se mostrando, ou seja, um trabalho danado, mas que estava tendo resultado. Então tudo isso era um grande prazer, ninguém... tinha eu acho dificuldades em qualquer lugar do país, corria muito bem, tudo isso. Uma grande, era um grande... eram muito agradáveis os momentos que a gente tinha com tudo isso. Muito legal (risos).

**A** - Nessa relação também com o Ministério da Saúde, tinha toda uma questão assim, eram recursos que estavam sendo separados para isso, deveria ter uma disputa dentro dos Ministérios e dentro do próprio Ministério da Saúde que você decidia erradicar, significa investir nisso.

**F** - Claro, claro.

**A** - Você viveu, você vivia essas reuniões lá?

**F** - Não. Tinha, é... Eu não participei, quer dizer a gente participa disso, mas é, eu acho que... Enfim, a impressão que eu tenho...era que... claro havia... eu acredito, havia outras áreas... também consideradas importantes no país, áreas técnicas que deveriam também receber atenção, e recebiam atenção. Não sei se recebiam menos atenção, do ponto de vista de tempo, de recursos financeiros etc., do que recebeu a erradicação da Pólio. Eu não sei se... acho que isso não criou... A impressão que eu tenho acho que não criou nenhum problema, nenhum ciúme, não criou nenhuma dificuldade é a impressão que eu tenho, sabe. Eu acho que estava... o mesmo cara na turma que trabalhava na Malária, Chagas ou Leishmaniose, entendeu, e entendia muito bem a importância da erradicação da Pólio, e achava e acha que tinha que concentrar recursos ali mesmo, entende? Era um compromisso maior do que... era um compromisso regional, era um compromisso maior do que o país, era um compromisso no continente mesmo, então tinha que botar atenção naquilo, então tinha que ter gente, tinha que ter recursos financeiros, tinha que ter recursos

materiais, muito carro, as Secretarias de Saúde tinham que botar apoio logístico, deslocamento de pessoal no campo para estar investigando o caso, recebia uma notificação de um caso em qualquer lugar do país, no dia seguinte, tinha que estar alguém ali, investigando o caso. Ou se tinha que ir ou de avião, ou de carro, ou de lancha, de barco, etc. Então tinha todo um envolvimento, um compromisso e recursos que tornavam aquilo possível. Enfim era... de novo todo um esforço nacional e regional que mostrou resultado, que mostrou... essa é a grande vantagem: você trabalhar e vê que você está tendo êxito daquilo, está conseguindo atingir a meta que todo mundo em conjunto estabeleceu, isso é fantástico!

**L** - Com certeza! (risos)

**A** - E aí... – Está parecendo que eu estou querendo pegar sempre pelo outro lado só para ter chance de você colocar para gente... – na própria Escola, essa questão de você ter tido resultado, ter alcançado a meta, foi uma resposta a quem duvidava um pouco da lógica dos Dias Nacionais, de você fazer, de investir tudo em uma doença só e não dar certo. Você viveu esse clima da resistência?

**F** - Eu não dava muita importância a isso, entende? Na verdade, eu acho que era isso (risos), claro a gente ouvia, havia outras tendências que achava que não, que a campanha, enfim descaracteriza um programa diário de vacinação, e que eram formas, concepções diferentes, entende? E que faz parte, eu acho que é natural isso, não é? Ver como estratégias que se opõem. Na verdade, eram estratégias que se complementavam, mas havia maneiras ou formas de ver aquilo, de enfocar aquilo como estratégias que se opunham, entende? Eu acho, eu... a gente via isso como estratégias complementares, uma ajudava a outra, entende? E essa discussão toda, alguns valorizavam mais que outros, eu na verdade nunca valorizei muito isso, nunca entrei muito nessa discussão, entende? Não valorizava simplesmente, ouvia, participava das discussões, mas eu sempre... Nós todos aí esse grupo todo da erradicação, sempre... acho que tinha muito claro que... essas coisas todas coexistem, entende? Tudo isso se pode fazer ao mesmo tempo. Ou seja, se vacina todos os dias, eventualmente se intensifica essas atividades em uma área que está com problema, o país pode organizar dois Dias Nacionais para vacinar 15 milhões de crianças ao mesmo tempo, entende? Tudo isso coexiste, nenhuma dessas diferentes formas não se opõem. Então, mas já havia gente que achava que sim, mas enfim, eu particularmente nunca dei muita importância a isso, então eu nunca... (risos)

**A** - No mais é assim que a gente queria puxar um pouquinho de como é que foi a sua vivência, você já colocou para gente, é dando aula, é estando nesses grupos em Brasília, com relação à erradicação. Quem você lembra assim, quem você destacaria das pessoas que estavam em Brasília que você teve mais relação? Você lembra?

**F** - Ah! Meu Deus! Eu me lembro de tanta gente, é um grupo tão grande minha querida, sabe? Muita gente. Não! Eu falei no Risi que dirigia o programa, tinha Cláudio Amaral que também trabalhava nessa época, tinha muita gente, Amaro, tinha Ivanildo, essa turma toda, que vocês inclusive já entrevistaram. É... em Brasília tinha essa turma espetacular. E... ou seja, na FIOCRUZ havia a turma da epidemiologia, havia uma turma genial de laboratório, nas Secretarias estaduais e nos municípios, havia também muita... muita gente altamente competente, e extremamente comprometida com tudo isso. Não sei, quer dizer, é uma lista enorme de pessoas, sabe assim? Eu me lembro de todos eles.

**A** - Que se articulavam mesmo, não é, que formavam um grupo?

**F** - Um grupo extremamente coeso, entende? Claro com eventuais diferenças, mas que ia se ajustando. Faz parte do trabalho. Às vezes você tem uma forma de ver, o outro tem de uma outra maneira. Se conversa e é assim que se constrói a coisa, não é? Mas enfim o pessoal altamente... de altíssimo nível, todo mundo, aqui do Brasil e nos países da região.

**A** - E para chegar na certificação, que se tem um momento que se tem um último caso. Você viveu essa coisa do último caso?

**F** - Ah! Vivemos, claro.

**A** - Conta para a gente como é? O que foi isso? E como é que foi acompanhado para a certificação?

**F** - Vivemos! O último caso no Brasil é o caso da Paraíba. Que também já está a turma que falou para você. (risos).

**A** - Mas fala para a gente. A gente quer ouvir. (risos)

**F** - Não. O caso foi muito bem investigado, e... nós tomamos conhecimento do caso, recebemos também, fomos informados da notificação. E todo mundo investigou, examinou essa criança, se investigou muito bem, se confirmou isso em laboratório aqui na FIOCRUZ... Esse foi o último caso no Brasil, se não me engano em 89.

**L** - 89. Exatamente.

**F** - O caso da Paraíba, e... de lá para cá, quer dizer, ou melhor, nas Américas o último caso acontece, alguns anos depois no Peru, não é? Na Amazônia Peruana.

**L** - Em 91.

**F** – É 91 e a região recebe a certificação em 94, não é? Ou seja, entre o último caso do Brasil e o último caso das Américas, o Brasil fez um trabalho... continuou, continuou fazendo um trabalho espetacular.

**A** –É porque ninguém sabia que era o último caso.

**F** - Não, claro!

**L** - Você só vai saber um tempo depois.

**F** – Claro! E o Brasil e a região continua fazendo este trabalho de vacinação e de vigilância até que o último caso no mundo se erradique. Até o último, até que o último caso no mundo deixe de... se confirme e depois dele não exista mais casos. Durante um tempo determinado. Então... ou seja, esse último caso no Brasil foi uma... depois que se confirmou que foi o último caso, passou a ser o grande, um grande...

**L** – Fato, não é?

**F** – É! Fato, na história da erradicação da Pólio. E de lá para cá, nem mais nenhum caso se confirmou, nas Américas. Nós estamos falando de casos de Poliomielite selvagem, não é? Claro!... Agora, o conceito de erradicação é, ele é – por isso que nós temos que manter todas as nossas ações e etc. – ele é um conceito mundial, global, enquanto tem caso de Pólio na África, nós temos que estar mantendo todas as ações como se não tivéssemos ainda erradicado a Pólio.

**A** - E o que você acompanha como que está a nossa estrutura hoje? A gente continua essa atenção? Continua fazendo o controle?

**F** – Eu tenho a impressão que sim. Claro! O Brasil continua fazendo um trabalho de alto nível, altas coberturas de vacinação, investigando os casos que estão sendo notificados, os indicadores de vigilância que mostra como é que o sistema está caminhando, o nível de *performance* do sistema de vigilância – o Brasil praticamente cumpre todos os indicadores de vigilância, enfim. – Houve um período que no Brasil e nos outros países da região que esses indicadores, alguns indicadores começaram a declinar. Talvez por uma certa euforia assim que fez com que os países abrissem um pouco a guarda, e deixassem o negócio meio lá... “Nós já erradicamos. Agora vamos ficar um pouco mais tranquilo.” Nada! Sempre tem, esses casos de Angola, vocês lembram? Recentemente! Uns casos de Pólio em Angola, uma grande epidemia de Pólio em Angola, mais de mil casos. O Brasil era, têm voos, dois ou três voos por semana, entre Luanda e Rio. Ou seja, o Brasil deu uma prova fantástica! Montou um esquema de reforçamento da vigilância de



Pólio, para exatamente impedir... O meu neto aí selvagem. Tudo bem?<sup>1</sup>... (risos). Eu não tinha neto quando comecei essa história, já estou com neto. (risos)

**A** – Ciclo da vida... Tem tudo haver. (risos)

**F** – Depois você vem falar com as meninas, viu?<sup>2</sup> (risos). Então, é isso, ou seja...

**A** - Então teve esse momentinho de dar uma reformada, mas a realidade do mundo...

**F** - Eu acho que os países retomaram... retomaram, e de novo os indicadores de vigilância estão... no mínimo, ou acima do mínimo, que se estabeleceu, entende? Então eu acho que está... os países estão andando muito bem nas Américas.

**A** - Esses casos de Pólio pós-vacinal?

**F** - Bom...

**A** - Você tem vivência disso nos lugares que você está?

**F** - Pólio pós-vacinal...

**L** - Você está no Haiti não é, Fernando? Desde quando?

**F** - Eu estou no Haiti agora, eu frequento o Haiti há um tempão, mas eu estou morando no Haiti há dois anos. O problema no Haiti, na *Isla Hispaniola*, que é, como a gente sabe, a *Isla* é compartilhada entre o Haiti e a República Dominicana, começou a epidemia de Pólio que não é pós-vacinal, é diferente. É um poliovírus que mutou, entende? E que adquiriu, devido a baixas coberturas de vacinação nesses dois países, ele adquiriu, ele mutou, a pólio vírus mutou e ele adquiriu do ponto de vista de patogenicidade e transmissibilidade. características de Pólio selvagem. Então eu estou no Haiti. Então eu estava lá quando começa uma epidemia de Pólio mutante, em 86...

**L** - 90...

**F** - Em 2001...

**L** - Não! 2000.

**F** – 2000? Nós estamos em 2001.

---

<sup>1</sup> O entrevistado fala e apresenta o neto às entrevistadoras.

<sup>2</sup> O entrevistado fala com o neto.

**L** - E dois.

**F** - No ano 2000, em agosto?

**L** - Foi no final de 2000, é em agosto. É, agosto é.

**F** - Começa o primeiro caso de Pólio mutante no Haiti. Na República Dominicana havia começado uns três meses antes. E no Haiti começa em agosto. E nós estamos trabalhando nisso, ou seja, só na região são esses dois países. Não é selvagem, claro! Mas tem características de selvagem. Então produziu, produziu vários casos nesse tempo curto, relativamente curto, no Haiti. São oito casos confirmados, até julho do ano passado, 2001. Oito casos confirmados, o último caso confirmado é de julho, ou seja, tem seis meses sem nenhum outro caso confirmado. Graças às ações que o país está fazendo de vacinação e de investigação de casos, de vigilância de casos e etc. A República Dominicana também trabalhou muito bem, e o último caso de Pólio confirmado mutante na República Dominicana é de janeiro ou fevereiro de 2001. No Haiti em julho de 2001, ou seja, essas atividades de vacinação precisam...

**L** – Continuar.

**F** - Claro. Isso havia ocorrido antes no Egito. O Egito viveu esse problema de Pólio mutante nos anos 90, entende? E alguns estados da... ex-União Soviética, da Rússia, também teve esse problema. Então, não é a primeira vez no mundo que se tem esse tipo problema. E isso se deveu a áreas de baixa cobertura de vacinação, o que possibilitou que esse vírus que circulava, ele adquiria-se características, mutasse, e adquirisse característica de selvagem e como havia uma baixa cobertura de vacinação as crianças estavam muito suscetíveis a esse... Adquiriam infecção por esse vírus. Então foi o que ocorreu na *Isla Hispaniola* se infectaram e tiveram a doença, de novo como eu já disse, no Haiti foram oito casos, na Dominicana eu não me lembro, não sei exatamente o número de casos, mas foram mais casos na República Dominicana do que no Haiti... Então isso é uma preocupação, isso é importante, não é?

**A** - E é uma questão que leva a gente a pensar em que momento parar de vacinar? De você ter a erradicação global, quer dizer...

**F** - Claro. Claro! Isso coloca questões para uma fase de pós-certificação: será que vai se parar de vacinar ou não? Será que vai ter que mudar a vacina ou não? Será que vai ter que combinar vacinas? Tudo isso são questões que a OMS, a OPAS, a OMS etc. e as regionais da OMS estão estudando. Tem vários estudos no mundo hoje que estão sendo conduzidos nesse sentido, entende? Então qualquer decisão nesse momento é prematura, é precoce. Por exemplo, você às vezes ouve: “Ah, nós vamos substituir a vacina oral pela vacina injetável.” É uma... precocidade, é prematuro decidir esse tipo de coisa agora, no

momento a indicação de continuar exatamente como estamos fazendo. Uma prova é essa, se vacinou agora na *Isla Hispaniola*, com cobertura de mais de 90% de área, um ano sem Pólio na Dominicana, e seis meses sem Pólio no Haiti. Isso mostra que... se controlou o problema no Egito, quando havia esse mesmo problema lá, entende? Então parece precoce, parece prematuro tomar decisões de alterar a estratégia de erradicação. A OMS continua recomendando a vacina oral... Então é isso, nós temos que seguir esse caminho aí. Claro, essas perguntas todas estão sendo feitas, tem estudos que estão sendo conduzidos em vários países do mundo, e vamos esperar os resultados, esses estudos vão mostrar resultados agora esse ano e em função dos resultados se vai ver o que se vai fazer, não é? Mas tem que se estudar primeiro o problema, não é?

**A** - E a gente acabou chegando no Haiti, mas não falamos um pouquinho da sua trajetória, não é? O antes, quer dizer. Você ficou aqui na Escola, você viveu até o momento da certificação? Você estava aqui até 94?

**F** – Claro. Estava aqui, não. Estava aqui. Saindo e voltando, mas estava aqui.

**A** - Mas estava aqui?

**F** - Estava aqui, claro o tempo todo.

**A** - Em que momento que você vai trabalhar com Pólio em outros lugares?

**F** – Não. Eu já trabalhava com Pólio enquanto eu trabalhava no Brasil.

**A** – Não assim, mas, fixamente! De você ir como você foi para o Haiti, você foi para outro lugar antes?

**F** - Não.

**A** - O Haiti foi o primeiro lugar que você se deslocou mesmo para ir morar?

**F** - Ah, é agora foi. Agora foi o Haiti.

**A** - Foi o Haiti. Então, até dois anos atrás era, “estou na FIOCRUZ e estou assessorando...”

**F** - Era trabalhando no Brasil e eventualmente saindo para algum país da Região ou para a África especialmente para apoiar a OMS, assessorias curtas de três semanas, um mês, voltava, mas a minha base era aqui. Eu só volto a sair do Brasil definitivamente, assim, há dois anos. Há dois anos. Havia uma epidemia de sarampo no Haiti, quando eu fui para o Haiti. Eu estava, nós estávamos fazendo uma avaliação do Programa de Imunizações

no Haiti, a convite da OMS e se organizou durante a avaliação surgiu depois de cinco, seis anos sem casos confirmados de Sarampo no Haiti, mas já se previa uma grande epidemia de Sarampo no Haiti. Se previa e a OMS, a OPAS recomendava o Haiti, ao Ministério da Saúde daquela época, tomar uma série de ações, mas que, enfim, o país por variadas razões não implementou as recomendações que se fazia. Então, durante a avaliação do programa surge uma epidemia de Sarampo, uma grande epidemia que está controlada. A epidemia se controlou (toca o telefone), praticamente, começa em março, abril do ano passado, e termina o último caso de Sarampo confirmado no Haiti é de setembro do ano passado. Então tem quatro meses sem Sarampo no Haiti, um grande esforço para se controlar isso. (Interrupção da gravação)  
Não. Desculpa, hein?

**L** – Nada!

**A** - E esse caso, o Sarampo então, tendo acontecido lá com essa...

**F** - Não, aí nós ficamos. Eu fiquei no Haiti. Ficamos lá. Agora... e durante a epidemia de Sarampo, surge a epidemia de Pólio. Entende? Duas epidemias no espaço de seis meses, entende? Quer dizer, nós terminamos o último caso de Sarampo no Haiti, como eu disse, foi em setembro. Mas entre abril de 2000 e setembro de 2001, havia... se confirmaram mais ou menos 1100 casos de Sarampo no Haiti, que tem uma população só de oito milhões de habitantes. O Haiti é mais ou menos contribuía no ano de 2001... entre 2000 e 2001, o Haiti mais ou menos contribuía com 60% do total de casos de Sarampo na Região das Américas. Entende, e a República Dominicana mais ou menos com 30%. Ou seja, entre 80, 90% dos casos da região das Américas estava em dois países.

**L** - Que desafio, hein, Fernando?

**F** – É. Não. Se aprende o tempo todo. E aí durante a epidemia de Sarampo, começa uma epidemia de Pólio. É um grande trabalho para controlar isso, não é? E, felizmente, eu espero que se controle, que tenha se controlado. Eu agora estou no trabalho de manutenção dessa... atividade de vacinação e de vigilância, formando gente, investigando casos, enfim é um grande trabalho.

E agora é isso que... a OMS e os países estão discutindo, esse problema da Pólio, coloca, como vocês perguntaram, isso coloca problemas e questões para pós-erradicação. Que não aconteceu com a Varíola. Terminou a Varíola, o último caso, se passaram alguns anos, se suspendeu a vacinação no mundo... Eu não sei se isso vai acontecer com a Pólio, por exemplo, nós temos que ver o que vai acontecer, esses estudos vão mostrar caminhos em formas de saber.

**A** – Você tem mais alguma coisa?

**L** - Não.

**A** - Acho que a gente poderia fechar pedindo para você dar um... fica com um espaço para você colocar, no que a Pólio de uma forma marcou a sua trajetória? Trabalhou assim... e trabalha até hoje. E o que você destacaria assim para fechar com uma grande, o grande barato da Pólio para...

**F** - Eu acho bonito o trabalho de vocês agora documentando (risos) essa história da erradicação da Pólio no Brasil e de alguma maneira através dos depoimentos que vocês estão colhendo, vocês estão mais ou menos também tendo uma pequena história da região das Américas. Eu acho muito bacana o trabalho de vocês. Eu me lembro que a gente recomendava muito, a Casa de Oswaldo Cruz também entrar nessa reconstrução da memória da erradicação da Pólio. É um fato da história da Saúde Pública dos mais importantes, que se acontece, que está se vivendo hoje o mundo da Saúde Pública, e é uma oportunidade de registrar isso. Acho que... Não. Meus parabéns a vocês! Estão fazendo o trabalho magnífico.

**A** – Não tem o que agradecer.

**L** - A gente é que agradece, Fernando.

**A** – A tua disponibilidade, em meio a essa possibilidade de viver (risos) ficar parado com a gente, mas...

**F** – Que isso! Prazer! Para nós também. Um grande prazer.

**L** – Muito obrigada!

**F** – Nada. Um prazer grande. Qualquer coisa nós estamos sempre às ordens.